

Definição de campos para 2002

Ricardo Lessa
de São Paulo

A declaração de Bornhausen representa para o PFL, o que representou a afirmação do governador Mário Covas — apoiando Tasso Jereissati para a sucessão de Fernando Henrique — para o PSDB: uma divisão de campos, entre um PFL de ACM e o PFL de Bornhausen, assim como entre o PSDB de Covas e o PSDB de Serra.

O PSDB de Serra teria preferência por uma aliança com o PMDB para 2002, já o PSDB de Covas achou um ponto de convergência com o PFL de ACM, na preferência pelo nome do governador cearense, que se articularia facilmente com o governador pefelista paranaense Jaime Lerner.

As alianças que se desenham, no momento, aproximam o PFL de Antônio Carlos Magalhães com o PSDB de Covas e Tasso, enquanto se agrupam na outra trincheira o PFL de Bornhausen e Maciel, o PSDB de Serra e o PMDB de Michel Temer. O presidente Fernando Hen-



Tasso Jereissati

grande peso, dependendo das ondulações de sua popularidade:

O que se sabe hoje é que a posição adotada por Covas calou profundamente em todo o PSDB. O nome de Tasso Jereissati resolveria vários problemas do partido. Além da já conhecida neutralização do seu afilhado político, o nome do governador cearense serviria como uma ponte para a profunda divisão regional que afasta em um campo os diretórios não-paulistas e, do outro lado do abismo, o poderoso PSDB de São Paulo. "Tasso é um nordestino respeitado pelo empresariado de São Paulo", lembra o deputado e

rique anunciou que só vai se pronunciar sobre essa peleja no final do ano, mas até lá o desenho pode ser outro e seu voto pode não ter

secretário de Ciência de Covas, José Aníbal.

O trato afável do governador cearense também facilita seu trânsito entre diversos grupos do partido, do Nordeste a São Paulo, e também no trato com os outros partidos, do PFL ao PT. Já a personalidade de Serra costuma criar arestas e resistências entre seus próprios aliados.

O ministro da Saúde não tem temperamento de orquestra, queixam-se líderes tucanos das mais diversas procedências. Não é de hoje, que o governador Mário Covas, critica o ritmo acelerado de seu correligionário. Desde as campanhas para a prefeitura de São Paulo no início da década, Covas precisou adotar atitudes drásticas para silenciar o bumbo de Serra.

"Talvez os dois tenham temperamentos muito semelhantes", diz-se um graduado pefelista. Entre muitos tucanos ligados a Covas, parece haver um consenso surdo de que mais uma vez Serra estava acelerando demais suas pretensões sucessórias sem respeitar o ritmo do

partido. Daí o golpe de batuta do maestro Covas.

O ministro sentiu. Depois de aparecer na capa da revista República, reafirmando que partia em busca da sua candidatura e não ficaria esperando nomeações, recolheu-se em mutismo. Um silêncio temporário. O próprio deputado José Aníbal, bastante próximo do governador Covas, acredita que Serra continue com todas as chances para entrar na corrida sucessória. Precisa apenas calibrar seu ritmo. A bronca de Covas teve esse sentido.

Com dois anos ainda de distância para a disputa presidencial, todos têm consciência de que o momento atual é de aquecimento, ensaios e apresentação de nomes, mas nem por isso deve-se descuidar dos preparativos: Um descuido pode ter consequências no sucesso ou no insucesso dos candidatos. O secretário-geral do PSDB, Márcio Fortes, é um dos que observam a apresentação. "A convenção para indicar o candidato do PSDB será em maio de 2002", registra.